

Relatório

Primeiramente, agradeço pelo Prêmio Solidariedade para participar da AILA 2017 no Rio de Janeiro. Foi uma experiência única e rica em conhecimento que me possibilitou refletir mais sobre pesquisas que vêm se desenvolvendo ao longo dos últimos anos em Linguística Aplicada no Brasil e no mundo. A partir das discussões ocorridas no congresso, pude perceber que estamos num momento de ebulição intelectual no campo da L.A. pelo fato de os/as pesquisadores/as estarem buscando incansavelmente compreender seu contexto social no qual a linguagem está totalmente interligada às relações sociais, resultando em desvelamento de identidades e de imagens (*ethos*), por exemplo, e implicando no processo de ensino/aprendizagem de línguas.

Participei de plenárias e de muitas apresentações de trabalhos vindos de diversos locais, principalmente do Brasil. E o que pude perceber foi que as vozes do sul estão “gritando” pela descolonização para fazer ouvir suas vozes de pesquisas para serem ressignificadas na sociedade. E como se sabe, um dos locais onde mais se tem lutado por isso, é o “sul”, ambiente no qual o ensino é ainda marginalizado.

Quando me refiro às pesquisas do “sul”, em relação ao Brasil, ratifico que são pesquisas na região norte-nordeste que precisam ainda ser ouvidas. Existem muitos/as professores/as-pesquisadores/as que desenvolvem estudos nessa região em busca de compreender o meio em que vivemos para desnaturalizar rótulos que são refletidos há décadas sem ao menos serem repensados.

“Rótulos discursivos” que instigam o preconceito e a discriminação, como por exemplo, citado pelo Professor Moita Lopes na primeira plenária, o caso do estudante da UFRJ que foi vítima de racismo, homofobia e xenofobia, apresentados em discursos estigmatizados, ou melhor, discursos enraizados no meio social que precisam ser repensados por cada sujeito. E um dos caminhos para que isso seja modificado é fazendo pesquisas em L.A. e abrindo caminhos para que essas vozes sejam ouvidas.

O congresso AILA 2017 ocorrido, pela primeira vez, em uma cidade do hemisfério sul, Rio de Janeiro, foi um espaço desafiador em que pesquisadores/as do sul conseguiram compartilhar suas pesquisas para o mundo. Acredito que a realização desse congresso foi um grande passo para mudanças que estão por vir na área de L.A.

Em uma das plenárias, realizada no dia 27 de julho de 2017, o pesquisador Ben Rampton tratou sobre as questões sociolinguísticas no Chipre, em que alunos/as cipriotas são forçados a aprender a língua do inimigo: Grego. Nessa discussão, o autor expôs diversos discursos de alunos/as e professores/as

para refletir sobre esse processo de ensino/aprendizagem da língua grega nessa região. Diante desse debate e de outros relacionados a aspectos linguístico-culturais no ensino de língua, foi possível perceber que as pesquisas em L.A. estão cada vez mais buscando compreender esse momento em que vivemos – Globalização. Estamos vivendo *conflitos* diversos pela acessibilidade com outros diferentes, mas que tem gerado várias pesquisas como forma de refletir sobre esses processos de encontros sociais a fim de serem ressignificados.

Por esse motivo, há uma importância de fazer pesquisas em L.A. para buscarmos compreender contextos diversos em que sujeitos tentam negociar esse espaço do outro para conseguir conviver. Isso pode ser observado em discursos carregados de sentidos a partir de suas construções socioculturais. Em relação à plenária que Moita Lopes apresentou, surgiram reflexões que me fizeram repensar sobre o campo de pesquisa em que atuo, como um espaço que busca ressignificar o meio social a fim de respeitar às diferenças, que de acordo com Moita Lopes ao citar um trecho de Nise da Silveira, alagoana: “Há mais de mil formas de pertencer à vida [...]”, diz que há uma urgência de repensarmos nosso meio social.

Por fim, gostaria de parabenizar toda a comissão organizadora da AILA 2017 por nos recepcionar com muito afeto e gentileza, além de todo cuidado e preocupação com cada dúvida que buscávamos tirar nos reportando a eles/as. Espero que esse prêmio perpetue por incluir pesquisadores/as que representem as vozes do Sul para que tenham a oportunidade de ser ouvido como forma de integrar mais reflexões no campo da L.A no mundo.

A partir dessa rede de contatos que tivemos no congresso, voltarei para o “sul” com mais avidez e vontade de pesquisar sobre aspectos relacionados a nossa língua-cultura que desenvolvo em cursos de extensão de Português como Segunda Língua (PL2) na UFAL. Deixo mais uma vez meu agradecimento por ter tido essa oportunidade, pois sem o prêmio não seria possível trocar tanto conhecimento com pessoas do mundo inteiro e levar para o meu contexto social experiências adquiridas nesse evento tão importante para a continuação de pesquisas em L.A.

Márcia Vanessa dos Santos Souza
E-mail: marcia-mars@hotmail.com
Mestranda em Letras e Linguística
Universidade Federal de Alagoas